

Resenha do romance *Dois rios*, de Tatiana Salem Levy

LEVY, Tatiana Salem. *Dois rios*. Lisboa: Tinta da China, 2012. 228 p.

Carla Francisco*

Tatiana Salem Levy, uma das vozes femininas mais originais da narrativa brasileira contemporânea, nasceu em Lisboa, em 1979. A família, que se encontrava aí exilada, regressou ao Brasil quando Tatiana tinha apenas nove meses. Essa “origem” portuguesa, bem como os ascendentes judaicos e turcos, marcam a sua obra.

A autora luso-brasileira iniciou a sua carreira literária com alguns contos publicados em antologias, nomeadamente em *Paralelos* (2004) e *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2005). Contudo, foi com o seu primeiro romance, *A chave de casa*, que Tatiana Salem Levy despertou a atenção e o reconhecimento dos leitores. Publicado pela editora Record em 2007, o romance, de cunho autobiográfico, ganhou o Prémio São Paulo para o Melhor Livro de Autor Estreante, em 2008, e foi finalista do Prémio Jabuti no mesmo ano. O livro foi editado em Portugal, pela Cotovia, em 2007.

Dois rios, segundo romance da autora, lançado no Brasil em 2011, foi também publicado em Portugal, no ano seguinte, sob a chancela da Tinta da China. Obra finalista dos Prémios PT e São Paulo de Literatura (2012), essa narrativa retoma, de uma forma diferente, a temática já abordada em *A chave de casa*: o retornar às origens, o enfrentar o passado e todos os fantasmas que este carrega consigo, bem como o encontrar-se com o outro para se reencontrar a si mesmo.

Dois rios divide-se em duas partes distintas, correspondendo a cada uma delas uma diferente voz narrativa e uma diferente perspetiva relativamente aos acontecimentos. Tal como os dois rios que dão título ao romance e que se fundem no mar, a voz dos dois irmãos que narram a história funde-se numa só realidade: a da paixão por uma mesma mulher.

* Natural de Lisboa, licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante Estudos Franceses e Ingleses e em Estudos Portugueses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestre em Estudos Românicos (Estudos Brasileiros e Africanos), pela mesma Universidade, é professora de Português na Escola Secundária Fernando Namora e investigadora do Grupo 6 (Brasil-Portugal: Cultura, Literatura e Memória) do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias). (E-mail: ribeiro.carlaf@gmail.com).

Joana e António são dois irmãos gémeos inseparáveis, até ao dia em que recebem a notícia da morte do pai. Coincidindo esse momento com aquele em que ambos se apercebem de que aquilo que os une vai além do amor fraterno – uma união e complementaridade perfeitas, que jamais poderiam alcançar com outro ser humano e que jamais poderão alcançar um com o outro, uma vez que o incesto se ergue entre os dois – os irmãos reagem de forma oposta à notícia.

Joana espera uma proximidade ainda maior por parte do irmão, enquanto este, pressentindo o interdito, culpa-a pela morte do pai: o ter ultrapassado a barreira do permissível, ainda que apenas em sentimento, apenas poderia ter como resposta uma punição. António inicia, pois, um longo percurso de afastamento da família, do lar, do país, numa vã tentativa de fuga ao passado e ao remorso: uma fuga de si próprio e daquilo que sente por Joana. Ela, por seu lado, permanece com a mãe, na mesma casa, na mesma cidade, como que impedida de viver pelas suas lembranças e imobilizada pela dor.

Paralisia e fuga: duas reações diferentes e opostas a um mesmo acontecimento/sentimento. Cada uma das personagens precisa tomar o lugar do outro, refazer o seu percurso, para se encontrar a si própria.

Marie-Ange é o ponto de encontro dos dois irmãos. No seu nome está quer o anjo que os salva, quer o mar onde ambos desaguardam. A mulher pela qual ambos se apaixonam leva Joana a abandonar a sua paralisia, a regressar ao passado, a encontrar o mar e o mundo; António, por sua vez, é por ela levado a deter-se na sua fuga, a imobilizar-se nas suas recordações, a questioná-las e a questionar-se.

Os dois irmãos (re)encontram-se, desse modo, em movimentos antagónicos e, simultaneamente, complementares. E aí assume especial relevância a ilha: a ilha de Dois Rios, onde os irmãos têm as suas raízes familiares e emocionais – ilha-embrião de destinos a cumprir, de caminhos a seguir; a ilha de Córsega, local de nascimento de Marie-Ange – o princípio e o fim (para os dois irmãos e para a própria estrutura narrativa). No romance, as ilhas são local de encontro de si e do outro, locais de partida e de chegada, de movimento e de pausa. Joana tem de partir para encontrar essas ilhas; António tem de interromper a sua fuga e aí permanecer (quer fisicamente, na Córsega; quer em pensamento, em Dois Rios).

Duas ilhas, dois berços no meio do mar: apesar da distância geográfica, ambas são locais de (re)nascimento e (re)conhecimento para as personagens. Tatiana Salem Levy confere um carácter universal ao destino humano. Tal como já tinha feito em *A chave de casa*, ultrapassando os limites geográficos do Brasil, a autora universaliza sentimentos e percursos.

Por trás do amor a Marie-Ange – a mulher que os conduz a um mesmo local – revela-se (vai-se revelando) o amor total/absoluto que liga/prende os dois irmãos. Nenhum deles é livre, apesar dos diferentes percursos. Ambos se encontram presos a um mesmo passado, a um mesmo sentimento. Na fi-

gura de Marie-Ange os dois irmãos reencontram-se a si mesmos e libertam (libertam-se de) o amor que os une.

Dois percursos opostos que convergem no mesmo ponto, ligados e separados nas duas partes do romance, narrados por duas vozes, mas que nele se complementam e se unem numa voz de nível superior: a do autor que constrói a narrativa. A voz de Joana cessa no momento e espaço exatos em que se inicia a de António: um todo circular e perfeito como só dois gémeos poderiam constituir. Duas narrativas, também elas gémeas e complementares, que se fundem para formar uma unidade. *Dois rios* que, independentemente do seu percurso, se unem na plenitude do mar.

Recebida em março de 2013.

Aprovada em abril de 2013.